REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India....	5$000	2$500	-$-	-$-

32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1087

10 de Março de 1909

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

MONUMENTO AO MARECHAL DUQUE DE SALDANHA, INAUGURADO EM 18 DE FEVEREIRO DE 1909
(Cliché Alberto Lima)

CHRONICA OCCIDENTAL

Morreu o actor Taborda, e ainda alguns dos seus amigos e admiradores tentaram promover uma grandiosa manifestação de pezar nacional á passagem do seu enterro, mas não o conseguiram. Quem o não viu passar, e só teve noticia do que foi esse enterro p'los jornaes, poderá supôr que elle foi imponente, porque esta palavra é uma d'aquellas de que mais costumam servir-se os jornaes para dissimular a mesquinhez de certos factos. Mas quem percorresse as ruas por onde transitou o funeral, a caminho dos Prazeres, é que poderá testemunhar que essa manifestação foi, verdadeiramente, um fiasco. Que a alma generosa do grande actor perdôe áquelles que, não souberam respeitar-lhe a ultima vontade, o terem dado propriedade a semelhante expressão falando-se d'elle! Fiasco — é o termo.

Taborda conhecia as platéas como poucos, e foi por isso mesmo, talvez, quasi estou em dizer — com certeza — que mostrou tanto desejo, a ponto de dar a tal desejo a solemne fórma testamentaria, de que só se désse noticia da sua morte depois de feito o seu enterro.

Por duas ou tres vezes, no seu fim da vida, alguns amigos tinham querido provocar uma manifestação publica em homenagem ao seu alto merito. Elle allegava, porém, que não tinha já forças fisicas para resistir a tanta sensação, e por duas ou tres vezes se desistiu d'esse proposito. Se não fôsse o receio de melindrar a memoria da sua modestia, dado que elle foi sempre, e em boa verdade, um modesto, eu diria ainda que talvez o seu muito conhecimento das platéas (e neste caso a platéa seria toda a gente) é que mais o punha na recusa. Elle passara a maior parte da sua longa vida a fazer rir os outros; não era justo que os outros, agora, que já nada podia, o fizessem chorar. E não o quiz, e fez muito bem em não o querer.

A morte de Taborda foi notificada p'los jornaes em meia duzia de artigos anonimos, ou quasi anonimos, com o costumado estendal de certidões de baptismo, vacina e resalva, procurados nos diccionarios biograficos. Se em uma chronica da *Lucta* se não diz, pela penna privilegiada do Sr. Manoel de Sousa Pinto, que o summo actor terá de ficar, pelos lentos seculos afóra, em simetria com Gil Vicente, como as duas mais altas e luminosas expressões da scena em Portugal — de Taborda nada ficavam sabendo, nem sequer supondo, as gerações que não poderam já vê-lo representar.

No Parlamento, houve quem erguesse a voz para prantear-lhe a morte, e até o Sr. Presidente do Conselho, como não podia deixar de ser visto ser do uso, se associou em nome do Governo á proposta de um voto de sentimento na acta d'aquella sessão, achando justa a homenagem.

Mas tanto no Parlamento, como nos jornaes, o mais que se disse de Taborda foi que elle era o incomparavel, o inimitavel, e até houve quem dissésse o «impagavel» exactamente como o poderiamos dizer de qualquer dos actuaes actores do Theatro de D. Maria, onde, parece, não ha dinheiro com que lhes pagar.

Todavia, Taborda foi uma gloria authentica do theatro português, e foi muito mais do que isto, porque foi — o genio.

Ora, o genio, em Portugal, quer se trate de glorificá-lo em vida, quer simplesmente se trate de o acompanhar ao Alto de S. João, é a pobreza e é o ignorado. Não deixará o Chefe do Estado de agraciar o genio, num dado momento de celebridade, com a commenda de S. Thiago, ou de mandar collocar-lhe sobre a urna funeraria uma riquissima corôa de violetas de Parma; irão a casa do genio apertar-lhe effusivamente a mão, ou incorporar-se-hão no seu prestito funebre, as academias e as doutas agremiações; expedir-lhe-hão telegrammas de saudação, ou irão pegar-lhe, em turnos, ás borlas do caixão, a Auctoridade, a Praxe, o Snobismo; por baixo das janelas da casa da sua residencia desfilará, tirando o chapéu e dando vivas, ou atrás do carro que lhe sirva de ultimo meio de transporte, irá a pé, ou em extensa fileira de trens da Companhia, tudo quanto contêm de mais illustre e distincto as classes privilegiadas. A primeira pagina dos jornaes, no dia da apotheose ou no dia do enterro, virá toda engalanada ou toda tarjada de preto; o Parlamento manifestar-se ha, num ou noutro caso, por longos e profundos discursos, ou breves mas commovidas palavras, confórme fôr necessario deixar para o dia seguinte a ordem que estivesse dada para esse dia, ou entrar nella sem grandes demoras; a Camara Municipal dará a uma das novas ruas, ou ainda mesmo a uma das novas avenidas, o nome do morto illustre, ou do homem eminente que ainda pode ter esta immensa satisfação em vida; as fabricas de bolachas e as chapelarias da moda lançarão no mercado marcas e modelos novos dos productos de seu fabrico em homenagem ao genio d'esse homem ou a esse homem de genio. Haverá para elle um momento na vida, ou para a sua familia no dia da sua morte, em que elle se persuada, ou a familia suspeite de que tudo isto é justamente devido aos altos meritos que o ornam ou ornaram.

Mas o povo — o povo no que esta palavra tem de significação exacta e elevada na vida de cada nacionalidade — lerá os jornaes, ouvirá o que se diz no Parlamento, transitará pela rua que tiver o nome do homem de quem tanto se fala, assistirá á passagem do seu enterro, e não saberá do que se trata.

Conta-se que uma senhora de boa sociedade, vendo passar o cortejo civico que percorreu algumas ruas de Lisboa por occasião do centenario de Camões, perguntára a alguem que, na mesma janela, se achava ao seu lado:

— «Mas, afinal elle era realmente Camões, ou chamavam-lhe assim por ser cego de um olho?»

O povo, em Portugal, é ainda tão ignorante como a senhora de boa sociedade a quem se attribue esta ligeira raia. Elle não ignorou quem foi Taborda, ou porque o viu representar, ou porque lh'o disseram outros que o tinham visto; mas ignorou, ignora que dever era o seu, como povo, de prestar a esse grande morto, nascido em terra portuguêsa, a ultima homenagem com que poderiam glorificá-lo os seus contemporaneos: acompanhando todos, de cabeça descoberta, o seu cadaver até á sua cova—cóva aberta na terra que elle tanto amou e tanto engrandeceu.

JOÃO PRUDENCIO.

O MONUMENTO AO MARECHAL SALDANHA

Os ultimos serão os primeiros, diz o Envangelho, e sem desdouro para aquelles a quem primeiro a patria pagou sua divida de gratidão por seu heroismo e valor, como a D. Pedro IV, Duque da Terceira e Marquês de Sá da Bandeira, é certo que no primeiro plano destes avulta o Duque de Saldanha e que bem parece deveria ter sido tambem o primeiro a perpetuar-se-lhe no marmore ou no bronze sua memoria.

Não me limito sómente ao caudilho da liberdade que, como Garibaldi realisando a unidade italiana pelo esforço da sua espada, teve nas suas mãos um reino e sobre a cabeça uma corôa que foi depositar na fronte do rei da Sardenha dando-lhe por dominios toda a Italia unida. Não é esse precisamente o meu pensamento, ainda que em Saldanha, conquistando uma corôa para a filha de D. Pedro IV, encontre bastantes pontos de contacto com o heroe de Caprera convertendo em realidade o sonho de Cavour.

Saldanha não teria necessidade de fazer derramar sangue numa guerra fratricida para ser um heroe. Se essse fosse o motivo de sua maior gloria não seria elle o primeiro a quem as gerações teriam de levantar monumento. A sua gloria vem de mais longe; alcançou-a sim nos campos de batalha, mas defendendo a integridade e independencia da patria nas campanhas da Guerra Peninsular; alcançou-a até bem longe, nas campanhas de Montevideu em seis annos de sangrenta luta em que ficou sempre vencedor contra as forças do valente Artigas; alcançou-a, emfim, pelo seu grande coração e nobre alma, em que não sei que mais brilhou se seu altruismo se seus talentos.

Chamaram-lhe ambicioso, naquelles tempos apoucados em que se regateava o preço de quem tanto valia, e comtudo tão modesto era comparado com os que hoje nada valem e muito querem que lhes paguem.

Teve a oferta de um reino, quando sahia vitorioso das campanhas de Montevideu e engeitou a corôa. Preferiu a de louros que lhe assentava melhor na iluminada fronte.

Dominava n'elle antes o genio da aventura; era um portuguê como os portuguêses doutr'ora que engrandeceram Portugal com os seus descobrimentos e conquistas no seculo XVI, da mesma euvergadura e estofo daquelles heroes que se chamaram D. João de Castro, D. Francisco de Almeida, D. Luis de Atayde e outros muitos grandes capitães.

Não falemos da politica porque essa enxovalha sempre e não satisfaz a todos. Grande é o vulto do Marquês de Pombal e ainda hoje se questiona o monumento que lhe pretendem erigir.

Do Marquês de Pombal descendia, por sua mãe, o nobre Duque de Saldanha, e se o primeiro ministro de D. José levantou das ruinas de um terremoto esta explendida Lisboa e fez respeitar Portugal no meio da Europa, o seu descendente Saldanha levantou bem alto o nome da patria com o valor da sua espada e honrou-a em toda a parte com o prestigio de seu nome, que outro não houve nas armas mais glorioso no seculo XIX a medir-se com Napoleão Bonaparte.

Eis porque seu monumento se impõe e agora as gerações hão-de passar reverentes ante a sua estatua, sem temor de que as revoluções a derrubem.

*
* *

Muito sucintamente seguem as notas biograficas que dão a estirpe de que descendia o marechal Saldanha e enumeram os feitos da sua vida militar e actos politicos.

D. João Carlos Gregorio Domingos Vicente Francisco de Saldanha Oliveira Daun, foi primeiro Conde, Marquês e Duque de Saldanha com honras de Duque Parente, filho do Morgado de Oliveira, primeiro Conde de Rio Maior, e de D. Maria Amalia de Carvalho e Daun, filha do primeiro Marquês de Pombal, pelo que era neto, por sua mãe, do grande estadista português. Nasceu no palacio da Annunciada, em Lisboa, aos 17 de novembro de 1790.

Aos 15 annos de idade sentou praça de cadete no regimento de infantaria n.º 1 e logo entrou em estudos na Real Academia de Marinha, onde foi estudante distinto.

Em 1806, por decreto de 8 de janeiro, que concedia aos filhos militares dos conselheiros de Estado o posto de capitão honorario, Saldanha foi investido nesse posto, de que passou no anno seguinte á efetividade.

Tres mezes havia decorrido que Saldanha assumira essa efetividade, quando, em novembro, a familia real portuguêsa partiu para o Brasil deixando o país entregue á invasão francêsa que transpunha as fronteiras.

Saldanha pouco tempo se conservou ao serviço da regencia e logo, em janeiro de 1808, pedia a sua demissão e se foi alistar entre os patriotas que se insurgiam contra o dominio francês, nunca servindo no exercito de Junot, como erradamente diz Larousse no seu diccionario.

No primeiro troço de tropas organisado por Bernardin Freire de Andrade, entrou o joven capitão, que apenas contava 18 annos de idade, e encorporando-se com o pequeno exercito portuguê ás forças inglêsas, começou a sua vida de campanhas destinguindo-se logo por seu valor, que lhe valeu o ser promovido por Beresford ao posto de major. Seguem-se as sucessivas batalhas em que mais avulta a do Bussaco e a de Salamanca, e Saldanha taes feitos de armas pratica que é promovido a tenente coronel por distinção. Ainda neste posto, é encarregado de substituir o general Hilli no cerco de Bayona.

A guerra Peninsular foi a sua estreia em que conquistou, nos verdes annos de sua mocidade, de postos por distinção até ao de coronel e se cobriu de medalhas de ouro das campanhas inglêsas do Bussaco, de S. Sebastian e Nive, e espanholas de Victoria, S. Sebastian, Nive e Tolosa.

Descança, emfim, um pouco das guerras e segredando-lhe o coração para que repartisse suas glorias com uma gentil senhora por quem se apaixonara, casou a 5 de outubro de 1814, na egreja de S. José com D. Maria Thereza Margarida Horan Fitz Gerald, filha do general Thomaz Horan, que ficando orfan ainda creança, fôra educada pela condessa de Rio Maior e em sua casa vivia de muito nova na convivencia de Saldanha, amando-se os dois desde a infancia.

Não tardou que os deveres militares viessem eclipsar a sua lua de mel, pois logo em julho de 1815 partia para a America na expedição militar a Montevideu. Ali mais evidenciou seu valor militar numa campanha que se alargou por seis annos fóra, em prodigios de valentia e coragem nunca esmorecida, chegando a bater-se corpo a corpo com os indomitos gauchos, que delle conta D. Antonio da Costa, na sua historia do Marechal Saldanha, que o bravo general depois de batalhar horas seguidas braço a braço, com o inimigo, rechassando-o a golpes da sua espada, terminada a luta se encontrou coberto de sangue e de miolos, mas iléso, como sempre ficou em todos os combates.

Artigas perdeu afinal a campanha numa luta desesperada e Saldanha, vencedor, foi nomeado capitão general do Rio Grande do Sul, isto em 1821, antes de D. Pedro IV proclamar a independencia do Brazil.

Logo, porém, que Saldanha viu o Brazil tornar-se independente de Portugal e não obstante os maiores oferecimentos que lhe fizeram para se conservar no, então proclamado imperio, pediu a exoneração dos seus cargos e retirou-se á mãe patria, onde a sua lealdade e patriotismo lhe indicavam.

Na desgraçada, aflitiva situação em que Portugal se encontrava, bem preciso lhe era toda a dedicação de seus filhos que mais lhe podiam valer, e por isso Saldanha que era um dos mais valiosos, cujo nome já prestigioso animava e por si se impunha para os mais arriscados cometimentos, foi logo incumbido de dirigir uma expedição militar á Bahia em socorro do general Madeira que ali se esforçava por submeter aquella provincia.

Saldanha não recusou aceitar a arriscada comissão, que tanto a sua alma de leal português como a disciplina militar lhes impunham, mas tratando de organisar as forças e material de guerra que o deviam acompanhar, viu que tudo faltava e que seria uma loucura arriscar as vidas que lhe confiavam, numa derrota que tinha por certa, pois conhecia suficientemente a resistencia que iria encontrar. Expoz as suas razões, fez vêr a inutilidade do sacrificio que o governo exigia, sem elementos serios para empreender, com resultado favoravel e proveito, uma tal campanha, mas não foi atendido e o governo, querendo vêr no procedimento de Saldanha um acto de indisciplina militar, ordenou a sua prisão no Castelo de S. Jorge em fevereiro de 1823, onde jazeu cerca de tres mezes.

Veio a chamada Vila-francada e Saldanha sahiu do Castelo no dia 30 de maio, sendo nomeado comandante da divisão do Alemtejo, depois de uma larga entrevista com El-Rei, em que este procurou atenuar a irrefletida resolução do governo de prender o valoroso general, tão amante da sua patria.

Em 1825 Saldanha é nomeado governador militar do Porto e é elle o maior partidario da Constituição. Deposto o governo absoluto, Saldanha forma parte do governo liberal encarregando se da pasta da guerra e é nesta qualidade que vae ao Algarve sufocar uma revolta militar, pondo os revoltosos em fuga para a Andaluzia.

A situação interna de Portugal era cada vez mais inquieta, sentindo-se latente a revolução que devia por uma vez firmar o governo liberal contra os que prevaleciam no absolutismo. Uma doença grave afastou Saldanha por alguns mezes dos negocios publicos, e este incidente foi aproveitado pela reação para mais se insinuar no espirito da regente D. Isabel Maria levando-a a não assinar os decretos liberaes, que Saldanha lhe apresentou quando, restabelecido da doença, tomou conta da sua pasta.

Saldanha demitiu-se de ministro e no mesmo dia em que o fez, 28 de agosto de 1827, houve pela noite a celebre manifestação popular denominada a *archotada*.

Feito regente D. Miguel, retirou de Lisboa a divisão ingleza e Saldanha seguiu com ella para Inglaterra, donde depois voltou com o Duque de Palmella para o Porto onde se preparava a revolução liberal. Saldanha, porém, por motivos que não se esclareceram bastante, dezistiu do seu proposito e voltou outra vez para Inglaterra.

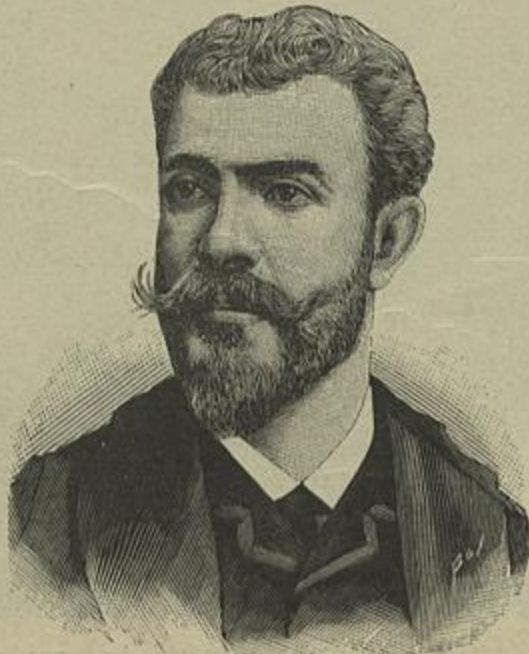
Isso não impediu que elle fosse o braço direito de D. Pedro quando veio implantar no Porto o governo liberal que depois se estendeu a todo o país, e que o Rei Soldado dissesse a sua filha ao apresentar-lhe Saldanha:

— Senhora, é a este general que deve o estar aqui.

Foi tormentoso o reinado de D. Maria II, cortado de revoltas e de guerras fratrecidas em que Saldanha teve parte principal, impondo a sua vontade que todo o exercito acompanhava porque era delle o seu idolo, que tantas vezes o havia con luzido á vitoria e em que confiava cegamente.

Marechal Duque de Saldanha

Com a Regeneração, em 1851, serenaram as tempestades politicas que acenderam a guerra civil e assolaram o país. Saldanha entrava triuufante em Lisboa, vindo do Porto, e a rainha do Tejo abria lhe os braços num entusiasmo indiscritivel, de que fui testemunha, nos poucos annos que ainda contava. Pois não tornei a vêr até hoje coisa assim na minha terra. E' que o marechal Saldanha só por si era uma força em que todos confiavam, e o prestigio do seu nome e da sua figura impunha-se e despertava tanta simpatia a sua expressão franca, e tanto respeito os seus cabelos nevados, que todos o amavam como a um pae generoso e bom, que sempre os valentes o são, por quem este povo é fanatico, que no seu sangue germina a valentia.

O marechal Duque de Saldanha foi por varias vezes ministro da guerra e presidente do conselho e a ultima vez que desempenhou este alto cargo foi em 1870, no governo que formou depois da sua ultima manifestação militar de 19 de maio, no reinado de El-Rei D. Luis.

O Esculptor Thomaz Costa

Rastejava já pelos oitenta annos, mas parecia ainda o mesmo homem vigoroso das campanhas, e por mais que os cabelos lhe nevassem emmoldurando-lhe a fronte bem rosada, não dava a quem o via a impressão da velhice.

Este seu ultimo governo pouco durou e deixou a presidencia do conselho para aceitar a embaixada de Londres, onde faleceu a 21 de novembro de 1876, com 86 annos de idade.

Trasladados os seus restos mortaes para Lisboa, jasem no Panteon Real de S. Vicente de Fora, como lhe competia na qualidade de Duque Parente.

Nos limites deste artigo mais não cabe dizer do ultimo marechal português, cuja briografia está feita em varios volumes por bons escritores.

* * *

O seu monumento, que hoje se levanta na praça Duque de Saldanha, inaugurado solemnemente no dia 18 de fevereiro, é o pagamento da grande divida em que estava a nação para com o seu ultimo marechal que tanto a honrou.

Este monumento não dá, acaso, a impressão de algum desses feitos de valor que ilustraram a vida do grande general. E' de uma prosaica convenção oficial, que não se casa com a epoca romantica em que se desenrolaram os dramas e tragedias em que Saldanha foi protagonista.

São tantas as situações da sua vida em que foi heroe, que os quadros movimentados dos seus feitos representam se facilmente ante os olhos sem grande esforço de imaginação.

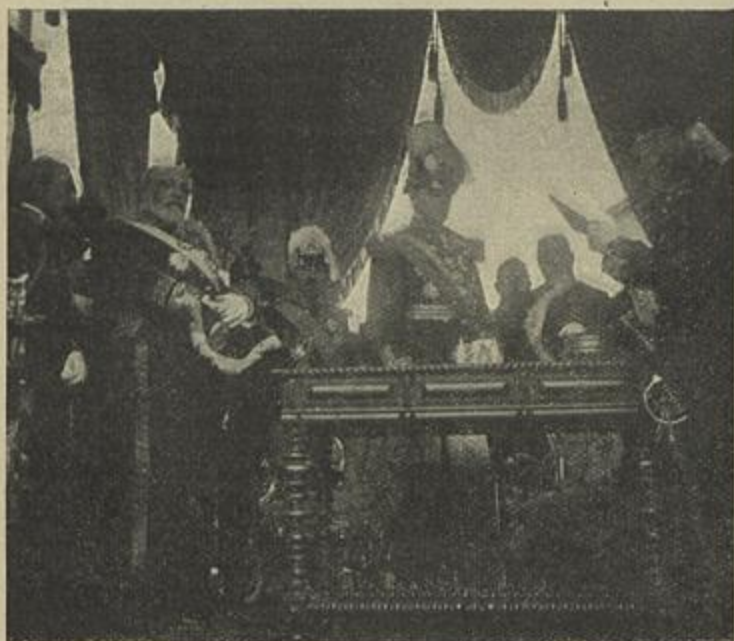
Não quero dizer com isto que o artista autor do monumento não sentisse e visse esses quadros da vida do heroe, mas simplesmente que elle teve de cingir-se, talvez, ás imposições de um determinado orçamento dentro da estética oficial, que não vae além das linhas classicas numa estreita comprehensão do que é a Arte. Conforme este prisma não consente os heroes senão como santos em altares e tudo o que de humano se esteriorisa na realidade da vida, que nos impressiona e comove, tem por importuno para a deificação desses heroes, que só os quer vêr cobertos de crachás e fitas a um tanto por cada mercê honorifica. O monumento já é uma grande concessão; que elle se conserve no aprumo de um pedestal com um não menos aprumado heroe a quem se permita a liberdade de levantar um braço ou recuar uma perna, e por um excesso de estética, uma alegoria classica, não vá a religiosidade das consagrações oficiaes ofender-se com os realismos humanos.

Deve ter sido isto, que Thomaz Costa teria talento para nos apresentar Saldanha num dos muitos actos da sua vida em que elle assumiu as proporções de heroe, e como daria mais gosto vêl-o assim, brandindo a espada entre os seus soldados e o povo, todos empenhados num lance dificil da luta, como tantos se sucederam por essas campanhas fóra.

Disse-se que a atitude da estatua de Saldanha se referia á sua entrada triunfante em Lisboa, mas neste caso o ilustre Marechal vinha a cavallo seguido de todo o seu lusido estado maior e correspondendo ao entusiasmo com que o acolhiam, cortejando o povo, que não cessava de o vitoriar.

Quão mais béla, nobre e marcial não seria, pois, a sua estatua se o representasse nessa hora feliz da vida, já que o bronze não comemorava alguma daquellas acções em que elle atingiu essas proporções de heroe.

Thomaz Costa produzindo a estatua de Saldanha, encontrou-se talvez em condições muito semilhantes ás de Machado de Castro, quando lhe incumbiam fazer a estatua equestre de D. José I arvorado em cavaleiro romano, não se sabendo

Inauguração do Monumento ao Marechal Duque de Saldanha

Sua Magestade El-Rei D. Manual ouvindo ler o auto da inauguração — Os membros da Camara Municipal assinando o auto da entrega

(Instantaneos Alberto Lima)

por que bulas. Uma alegoria heroica, mas em que afinal o heroe era o Marquês de Pombal.

Agora não se daria o caso de ser outro o heroe a comemorar no monumento. Saldanha seria com propriedade o cavaleiro romano, e assim elle appareceria no pedestal mais heroico, mais sugestivo aos que o contemplassem.

Mas lá está correcto, tão correcto na atitude como na esculptura, bem modelada, sob o pedestal quadrado, severo, sustentado por quatro colunas sob o entabolamento dorico, classico, rigorosamente delineado pelo talentoso arquitéto Ventura Terra. A severidade do pedestal amenisa-se um tanto com a figura alegorica da Vitoria que lhe decóra a face principal, e que é bem lançada e confirma os créditos do distincto esculptor o sr. Thomaz Costa, aliás afirmados por outras obras.

Sob a figura da victoria vêem-se as armas portuguêsas entre ramos de loiro e carvalho, e nas outras faces do pedestal destacam-se cabeças de leões sustendo da boca panoplias decorativas com a inscrição: *Campanhas da Liberdade*, etc.

Tanto estas decorações como as estatuas, tudo

Sua Magestade El-Rei D. Manuel sahindo do Pavilhão Real

(Instantaneo Benoliel)

Inauguração do Monumento ao Marechal Duque de Saldanha

Os representantes da familia do Marechal, na ceremonia da inauguração—Os veteranos das campanhas de Saldanha na inauguração do monumento

(Instantaneos Alberto Lima)

em bronze, foram fundidas no Arsenal do Exercito com a perfeição de outros trabalhos deste genero ali feitos por varias vezes. A estatua de Saldanha tem o peso de 2:354 kilogramas e a da Vitoria 1:920.

A base do monumento ocupa um quadrado de 9 metros de lado e o pedestal eleva-se a 7m,82 de altura que, junto á estatua de 3m,18, dá o total de 11 metros.

A praça Duque de Saldanha ao fim da Avenida Fontes Pereira de Mello, é das mais amplas da nova cidade, pois abrange ama area de 15:386 metros quadrados num circuito de 70 metros de raio.

Mas a grandêsa d'esta praça não é suficiente

As tropas passando em continencia ao monumento

(Instantaneo Benoliel)

para lhe dar belêsa, porquanto a irregalaridade e por vezes o fantastico das construcões que a circundam, mau cenario fazem a qualquer monumento com que se decorasse.

Em tudo se revela neste pobre país a falta de bom criterio e ainda mais a falta de muito rudimentares noções da arte, nos que se propõem dirigir um municipio como o de uma capital que convida estrangeiros a vir admirar lhe as belêsas.

Nisto está como em tudo; essas belêsas são simplesmente as naturaes que Deus lhe deu e que toda a sagacidade dos reformadores deste país não poderam ainda destruir; quanto ao que o bom senso e á estética aconselham, é o que se vê.

A liberdade ampla de cada qual construir a sua barraquinha como a tôla fantasia lhes sugere, aliada á acomodaticia pratica dos mestres de obras, produz por toda essa cidade, ainda que seja nas avenidas e praças mais monumentaes, esses abôrtos arquitétonicos que a cada passo se encontram. O monumento de Saldanha fica sendo vitima d'isto, no meio de uma praça nada preparada para o receber.

* * *

A inauguração do monumento ao Marecha Duque de Saldanha foi um acto solemne que se realisou com todo o aparato oficial destas ceremonias.

Armou-se um pavilhão luxuosamente decorado para a recepção de El Rei D. Manuel e leitura dos discursos e auto que ali foi assinado. Aos lados deste pavilhão, armaram-se tribunas para o corpo diplomatico, deputações das casas do parlamento, camara municipal e mais convidados.

Os representantes da familia do Duque de Saldanha tinham logar reservado no pavilhão real e eram as srs.as marquêsa de Rio Maior, condessas de Almoster, de Cintra e da Asinhaga e os srs. marquês de Pombal, João Carlos Saldanha de Oliveira e Daun e seus irmãos srs. José Augusto, Joaquim Pedro Quintella e Luis Saldanha de Oliveira Daun.

Compareceram tambem á inauguração alguns veteranos da Companhia de Reformados de Runa, contando-se entre elles, velhos que acompanharam Saldanha nas acções de Torres Vedras, do Porto e na ultima manifestação militar do Marechal, de 19 de maio de 1870. Destes pobres velhos apresentaram-se ainda dois: Custodio José e Anacleto José, que fizeram com Saldanha todas as campanhas da liberdade e dellas contavam episodios, com os olhos marejados de lagrimas, recordando o seu querido Marechal. Eram documentos vivos das façanhas por elle praticadas, e que desapareceräo com a morte destes velhinhos, sem que lhe recolham seu depoimento.

Ao descerramento da estatua por El-Rei, e quando a bandeira portuguêsa que a velava se desprendeu, os alumnos da Escola Naval e da do Exercito, que faziam a guarda de honra junto ao pavilhão real, perfilaram as espadas, fazendo então El Rei a continencia emquanto as bandas militares tocavam o hino de Saldanha.

Para os novos esse hino; foi uma novidade, para os velhos uma recordação que os sensibilisou até ás lagrimas.

Seguiu-se o discurso do sr. conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco, presidente da comissão executiva do monumento, a que El Rei respondeu, sendo depois lido pelo secretario da comissão, general sr. Agostinho Maria Cardoso, o auto da entrega do monumento á Camara Municipal.

Emquanto se procedia á assinatura desse auto, o sr. D. Manuel manifestou o desejo de conhecer os vereadores presentes assim o comunicando ao sr. conselheiro Antonio de Azevedo, que convidou o presidente do municipio sr. Anselmo Braamcamp a apresentar os seus colegas presentes srs. José Miranda do Valle, Agostinho José Fortes, Manuel Antonio Dias Ferreira, Antonio Alberto Marques e dr. José Soares da Cunha e Çosta.

A todos El-Rei apertou a mão dizendo que os estimava conhecer.

A ceremonia terminou pelo desfilar das tropas da guarnição de Lisboa, que haviam formado em parada desde a praça do Duque de Saldanha até ao Campo Grande. El Rei com o sr. Infante D. Affonso á direita, general sr. Craveiro Lopes á esquerda e seu estado maior passou em continencia á estatua, e a seguir marcharam as forças militares, principiando pela dos marinheiros, ao som do hino de Saldanha tocado pelas bandas.

Era o mesmo hino que se ouviu quando o Marechal entrou triunfante em Lisboa em 1851. O entusiasmo é que não era o mesmo de então.

CAETANO ALBERTO.

O CARNAVAL

Passou o Carnaval. E, segundo me parece, sem deixar saudades a não ser nalgum peito enternecido de jovens namorados, a quem porventura, nessas noites, um olhar entremostrasse róseos horisontes de felicidade sonhada...

Mais ninguem poderá recordar saudôso êsse tempo em que, em Lisboa, se respirava um ambiente formado, ao que parecia, de bocêjos de sensaboria neurosténica, gestos de parvoice saloia, arrastamentos de preguiça burguêsa, arrotos de bebedeira suja, exalações de miseria esfarpada e faminta, desabrimentos infrenes de corrupção abjeta...

Uma sensaboria que nos dava a impressão dum zumbido agudo: — provocaria o sôno se não nos ferisse os ouvidos, despertando lá dentro, no fundo da nossa alma, ecos de dorida tristêza.

Nenhuma originalidade que nos abrisse a alma numa alegria clara e os lábios numa gargalhada franca. Nenhuma!

A *mocidade heroica e bela*, em cuja alma é natural a alegria despreocupada, em cujo peito perene o sentimento vibrante e em cujos labios frequente o sorriso claro e radioso como um jacto de sol numa manhã de abril, a propria mocidade era triste, sonolenta, preguiçosa, como se uma atmosfera tôda prenhe de nuvens e quasi desprovida de óxigénio vivificante envolvesse as almas na mêsma treva, penetrasse os corações do mêsmo frio e contráisse os labios no mêsmo rictus alvar de insensatez...

Parecia que um sonambulismo envolvente levantara do leito e arrastava pelas ruas funebremente aquela multidão, em cujo inexpressivo gesto parecia haver o indefinivel duma vaga tristeza e em cujos movimentos vagarosos a lentidão inanimada da inconsciencia...

Porquê? — Era a pergunta que a mim próprio dirigia, na concentração em que me isolava dos homens e das coisas.

*

Desesperava-me na impossibilidade de resolver êste problema de psicologia colétiva. Por entre a multidão que se apinhava pelas artérias principaes de Lisboa, eu procurava surpreender uma nota caracterìstica, qualquer facto tipico, uma simples palavra impressva que, timbrando no lago liso da minha alma, produzisse as ondulações concentricas do pensamento.

E passavam os carros, expondo aos nossos olhos pasmádamente abertos as mais radiantes formosuras da nossa terra; e circulavam os ja-notas, patenteando á inconsciéncia sonámbula dos basbaques a toleima impertigada das suas almas, mais ainda que dos seus colarinhos; e estacionavam os misérimos mendigos, pondo no chão as manchas sujas da sua montureira nauseabunda e lançando pára o ar a exalação fétida das suas padridões e das suas lamúrias. E por sobre tudo isto - forindúras e toleimas e misérias —por sôbre as fulgências áureas do luxo requintado e as exalações repugnantes das podridões abjectas — uma chuva persistente de papelinhos e papelinhos, em nuvens encarnadas, douradas, azuladas, caia do ar inundado de sol, imaculado de pureza...

Mas de parte alguma — nem da terra que me mandava as lamúrias arrastadas dos miseraveis nem do ar donde me caiam as nuvens douradas e leves dos papelinhos — me vinha a ambicionada resposta satisfatória.

Fugi, emfim, á multidão. Na rua silenciosa e triste eu desesperava-me na solução do problema propôsto, já atordoada a cabeça ao choque de mil impressões desencontradas e movediças.

Porquê aquela tristeza inexpressiva, sonambula? Porquê?...

— Eu já não tenho edade para isto. Já lá vae o tempo... já lá vae... — disse alguem perto de mim.

Era um velhote mirrado e carcomido a cabêça a tentar erguer-se, compensando a curvatura espinal a acentuar-se e o olhar brilhando numa viveza iluminada e quente que um tanto lhe atenuava a fúnebre palidez das faces gastas. Tinha no semblante uma expressão de saudade por uma edade distante, em que êle, porventura, robusto e heroico, ardera na rubra combustão de paixões violentas em que haveria expendido tôda a seiva enérgica de que a sua experiéncia agora carecia e as suas esperanças necessitavam...

Não sei que impressão me causou êsse homem. Eu julguei experimentar o mêsmo sentimento de maguado desconforto que se experimenta quando, na voz plangente do sino, se ouve a confirmação duma morte que sabíamos.

Era verdade. Aquêle velho já não tinha no côrpo a rebustez atlética e na alma a despreócupação alegre de uma juventude remota — aquela edade em que êle, em prodigalidade cavalheiresca, no tumultuar de paixões violentas, porque eram vigorosas, esbanjava loucamente tanta energia radiosa e ardente...

E fazia pena, porque eu julguei vêr naquêle olhar a iluminação dum vidente e a impavidez homérica de quem tenta realisar ideaes esplêndidos, entrevistos no horisonte enevoado, á luz dum sonho santo e confortante. E o velho carcomido e mirrado não seria capaz disso. Sucumbiria a meio do caminho, talvez sonhando ainda, envôlto no ambiente azul duma luminosa esperança que, pâra o alentar, lhe ia mentindo ainda.

*

... E não sei porque, julguei-me satisfeito na minha curiosidade...

HERNANI CIDADE.

A casa submarina

POR

Max Pemberton

I

Em que Jasper Begg dá a conhecer o motivo da sua viagem

Muitas pessoas me teem pedido, para escrever a historia da ilha de Ken.

Vou encetar esse trabalho o melhor que possa fazel-o, e tanto quanto o permittam os fracos recursos litterarios de que dispônho.

Eu, Jasper Begg, sou um simples marinheiro, que apenas recebi uma educação insufficiente na escóla, e portanto já sei que vou ter muito trabalho para escrever com clareza, afim de todos perceberem as coisas maravilhosas que vi na dita ilha.

Estavamos a 3 de maio de 1899, e acabavam de picar as quatro badaladas do quarto, quando Harry Doe, nosso contramestre, viu terra a bombordo, e me annunciou que tinhamos chegado ao termo da derrota.

Levavamos cincoenta e tres dias de viagem, desde que sahimos de Southampton, e durante este tempo, nem um só homem da tripulação do *Cruzeiro do Sul*, sabia qual era o seu destino, nem qual o motivo porque o capitão Jasper Begg os havia contratado a navegarem pelo Oceano Pacifico.

Muitos diziam que era uma viagem de recreio, por se lembrarem que eu tinha servido sempre em yachts particulares, desde o dia em que, fugindo da escóla, me puz sob a protecção do patrão Higg que commandava a escuna de lord Kanton; outros porém, não acreditavam que um marinheiro como eu, me fosse divertir para lá do canal de Suez, e muito menos achavam explicação, a que um pobre diabo como Jasper Begg, houvesse encontrado dinheiro para fretar, por intervenção da casa Philippes Westbury & C.a, um vapor de quinhentas toneladas, pagando além d'isso generosamente, aos homens que compunham a tripulação.

Estas duvidas, tencionava eu esclarecel-as, quando chegasse occasião opportuna.

Algumas explicações que dei, de que a viagem tinha sido emprehendida em interesse de uma senhora, bastaram para tranquillizar toda esta gente, mas não foram sufficientes para lhes satisfazer a curiosidade.

Mr. Jacob, meu primeiro tenente, e Peter

Bligh (que se me reuniu, porque dizia ser eu, o unico homem capaz de o trazer separado da bebida) adivinharam parte do segredo, mas não sabiam nada ao certo.

Os dois tinham servido comigo e sob as minhas ordens, no yacht de Ruth Bellenden; nenhum d'elles esquecera ainda, que o marido de Ruth havia embarcado em direcção ao Oriente, afim de ali passar a lua de mel.

Não sei se elles pensaram alguma vez, que os negocios particulares da gentil americana, se combinavam com a viagem do *Cruzeiro do Sul*, ou se seriam alheios um ao outro. A minha obrigação era calar a bôca até verem terra, e portanto assim fiz por amor de Ruth.

Como já disse, era o terceiro dia do mez de maio, quasi ao terminar o ultimo quarto, quando Harry Doe, viu terra á bombordo e se me dirigiu com os marinheiros do quarto, para receber ordens.

Mr. Jacob recolhera ao seu camarote e Peter Bligh achava-se na ponte, e mandava pôr a meia velocidade, quando eu appareci munido do oculo para observar a ilha que se via ao longe, confundindo-se com o céo.

Estavamos então a 150° ao E. de Greenwich por 30° ao N., e a minha primeira impressão, foi que nos encontravamos á vista do grupo Ganges, como outros tantos barcos que fazem a travessia de S. Francisco da California ao Japão; mas depois de observar um pouco a ilha, e especialmente o esporão de rochedos que avançavam pelo mar dentro até ao N., convenci-me immediatamente, que era a ilha de Ken, e que podiamos dar por concluido o nosso passeio maritimo.

— Rapazes! — disse eu — Chegámos ao porto desejado. Bom tempo e bôa sorte, e antes de três dias regressaremos á nossa terra.

Receberam com vivas esta noticia, e Peter Bligh, que vai descahindo um pouco para a segunda meninice, que é como quem diz, já entrado em annos, passou a mão larga pela fronte tisnada, como se lhe tirassem de cima do corpo, um peso de cem arrobas.

— Estimarei bastante que assim seja, capitão — respondeu. Bem sabe que cumpro sempre o meu dever, seja qual fôr o clima, mas este maldito calor derrete um homem, nem que seja da mais fina tempera. Parâmos aqui, ou continuamos avançando a um quarto de machina?

— A um quarto de machina, — retorqui. — A carta diz que ha uns 3:111 metros de fundo em volta do recife; assim temos agua bastante, e o fundo é uma coisa muito necessaria para barcos d'esta ordem; sabes tão bem como eu.

O grupo das ilhas apparecia então no horizonte, como sombras sobre o mar espelhento. Com o auxilio do oculo pude divisar um terreno montanhoso até ao Sul, emquanto para Norte, o esporão de rochas avançava pelo mar dentro.

O sol poente escondia-se por detraz d'um céo alaranjado e purpureo, formando um quadro maravilhoso, digno d'um pincel excepcional. Jorros de luz cercavam como laminas de oiro, o massiço escuro das altas rochas, ou corriam como regatos luminosos sobre a tremulina do mar.

Tenho contemplado muitas vezes quadros magnificos sobre o oceano, tanto em calma como em tempestade, mas nunca poderei esquecer o pôr do sol d'esse dia, em que cheguei á ilha de Ken, com a missão mais singular que se tem dado a um capitão de navios.

Muitas terras desconhecidas, tambem hei visto, mas aquella interessava-me mais do que qualquer outra, porque era ali a morada de Ruth Bellenden, e ao romper do sol do dia seguinte, poderia então averiguar qual a sorte da minha senhora, pois fôra esse o motivo por que saíra de Inglaterra.

O primeiro tenente Jacob, tinha subido á ponte, emquanto eu, de oculo em punho, buscava um porto onde fundear, e como homem pratico, foi elle de parecer que nos puzessemos de capa e abandonassemos até pela manhã, toda a idéa de desembarcarmos.

— Não teremos luz dentro em dez minutos, — disse elle, — e não gosto nada da apparencia d'este porto. Mais vale conservarmonos a distancia, porque as rochas e recifes, não costumam apartar-se para deixarem passar os barcos quando se lhes approximam.

Concordei plenamente com elle, e começámos a chalaçar com Peter Bligh, fazendo-lhe vêr o mau effeito de andar n'aquella noite a correr aventuras na ilha, perdido pelas tabernas com as indigenas, quando repentinamente brilhou ao longe, a luz d'uma fogueira, posta sobre um rochedo por detraz da ilha principal.

Olhámos todos anciosos para aquella luz. Era um sitio mau para fazer signaes, portanto estranhámos bastante a sua apparição.

— Acho deveras singular que essa luz seja para ajudar os pobres marinheiros a encontrar fundeadouro — disse Mr. Jacob. — Quasi me atrevia a affirmar, que está uma milha mais ao Norte do que deveria estar.

— Aproemos a ella e milagre será se não dermos com o canastro de encontro aos cachopos — volveu Peter Bligh. — Na minha terra, lá na Irlanda, tambem costumam pôr grandes taboletas avisando as cyclistas, que tal ou tal caminho é perigoso, mas põem-n'as sempre no fim d'elles! Pelo que vejo, por aqui faz-se o mesmo, com os signaes maritimos!

Entretanto, parte da tripulação agrupada perto da escada da ponte, ria-se d'esta chalaça de Peter, emquanto outros murmuravam entre si, como se aquelle signal os desgostasse e viesse interromper a sua tranquillidade.

Tanto em terra como no mar, o marinheiro é sempre supresticioso.

— Rapazes! — disse voltando-me para os murmuradores; — não ha que ter receio, porque não estou com vontade de tomar conhecimento com essa luz mysteriosa! A'manhã veremos isso mais claramente. Emquanto esperamos, estão aqui cincoenta libras para repartir entre si, como gratificação do seu comportamento durante a viagem, e ficam guardadas outras cincoenta, para quando virmos o primeiro pharol das costas d'Inglaterra. Por esta noite temos fundo e agua de sobra para manobrarmos; portanto deixemos gosar da fogueira os tolos que a acenderam. Dou-lhes os meus agradecimentos pela maneira como se comportaram a bordo. Peçam da minha parte ao dispenseiro uma ração extraordinaria de grog, e bebam-na á minha saude.

Tinha chegado o momento de partir para os officiaes, quaes eram as minhas intenções, por isso os chamei á minha camara, quando os marinheiros se retiraram, e deixando a guarda do novo quarto, a um rapaz, excellente moço por signal, mandei Job ao dispenseiro afim nos fornecer algumas garrafas de Xerez e correspondentes copos que poz sobre a meza.

Mr. Jacob, acavallou os oculos no nariz, como sempre fazia ao entrar nas camaras e camarotes, ou como se se dispozesse a lêr alguma obra interessante; e Peter Bligh, sentou-se a um canto com o bonet sobre os joelhos e a expressão mais idiota que tenho visto.

(Continúa.) RICARDO DE SOUZA.

O CARNAVAL DO PORTO

Mais pratica e não menos amante do progresso a cidade do Porto em muitas coisas se vae avantajando a Lisboa. O Carnaval é uma dessas coisas em que mais progresso tem revelado de ha uns quatro ou cinco annos para cá, indo na vanguarda de Lisboa quando aqui se fizeram as primeiras tentativas para civilisar o Carnaval.

Quanto Lisboa se tem mostrado renitente em aceitar um Carnaval mais civilisado, quanto o Porto lhe tem aberto os braços e tambem a bolsa para que os tres dias de entrudo fossem dias de festa e de alegria popular, divertindo-se e chamando á primeira cidade do norte, gente de toda a parte e até de Lisboa, beneficiando muito o commercio, que tambem concorre com a sua quota.

Isto se deve, principalmente, á iniciativa do Club Finianos Portuenses, que mais tem influido para tornar as festas carnavalescas interessantes, finas e até artisticas, pois para ellas pedio a collaboração de artistas, do que resultou organisarem-se vistosos cortejos carnavalescos, com carros alegoricos, bem imaginados e melhor delineados com bom gosto, arte e espirito, e mascaradas engraçadissimas, luxuosas, com alusões mais ou menos picantes, á politica e aos usos, admitindo tambem danças nacionaes a caracter, todo um conjunto de festa e de pitoresco muito atraente.

O Carnaval deste anno iniciou-se no Porto por uma marcha luminosa, que no sabado gordo á noite sahiu do pateo do Paraizo á rua do Bomjardim, composta de uma burricada de cem gericos montados por um grupo do *Conservatorio orneofeonico de Cacilhas* — uma brincadeira engraçada — a que se juntou grande numero de socios dos bombeiros voluntarios, tudo levando balões venizianos, e assim percorreu as principaes ruas da cidade numa grande alegria de gargalhadas que os varios episodios deste pitoresco e comico cortejo provocaram.

No domingo e terça feira gorda percorreu os pontos principaes da cidade o seguinte cortejo que principiava assim: Quatro guardas de cavalaria — Seis arautos — Trono de Arlequin — Guarda de honra — Banda do Club — Moinho do tio Fisco — Banda de moleiros — Pitoresca guarda de honra composta de amazonas valon-

A DIREÇÃO DO CLUB FENIANOS PORTUENSES

O Carnaval no Porto

O Leme da Nau dos Quintos — Carro reclame da Empreza Fabril do Norte — *(Instantaneos Pereira Cardoso)*

gueiras — A nau dos quintos — Grupo musical dos *Grulhas* — Banda de rabanetes — Grupo musical *Os Modestos* — A elegancia exotica — Carro reclame da Empresa Fabril do Norte — A locomoção do futuro — Carro das canções nacionaes — Festa rabela — Rancho de varinas dançando — A concha de Anfitrite — Guarda de honra — *Laudaus* enfeitados com a direção do Club Fenianos Portuenses e comissão executiva do Carnaval.

Por esta resumida enumeração se póde fazer ideia do luzido e pitoresco cortejo, que naquelles dias animou a cidade do Porto.

Os instantaneos que publicamos completam esta noticia, mostrando o bom gosto e arte de alguns dos carros alegoricos e de reclame.